

7.V-44 COMP 2.110.4.14
MADRE ANA JUSTINA MARTINET

~~Uma existência inteiramente consagrada aos males alheios.~~

No dia 19 de abril, com mais de 93 anos de idade, faleceu em Itú, no Colégio N. S. do Patrocínio, a Superiora Provincial da Congregação das Irmãs de S. José, Madre Ana Justina, que, no mundo, se chamou Ana Justina Martinet. Foram estes os dados, simples e secos, de uma notícia que nos veio de Itú, e foi publicada por todos os jornais de S. Paulo.

A mera referência a uma vida tão longa, consagrada a trabalhos exaustivos, que são os que assume essa Congregação benemerita, já bastaria para colocar aquela virtuosíssima irmã de caridade numa situação de destaque entre essas criaturas compassivas e fortes que passam a vida inteira a cuidar dos outros e, através desse trabalho ingente, a ganhar para a sua congregação a benemerência pública, e para si mesmas o consolo suave de uma vida votada inteiramente em seguir as lições e exemplo do Nazareno.

Mas da vida da Madre Ana Justina alguma coisa mais deve ser escrita, para edificação dos que não a conheceram de perto e para lembrança dos que a conheceram, com ela trataram e sabem uma parte, pequena embora, do seu imenso apostolado cristão. Eu estou entre estes e julgo de meu dever recordar hoje, neste canto de página, alguma coisa da sua figura.

Irmã Ana Justina, francesa de nascimento, veio ao mundo em 1852, na aldeia de Cognin, perto de Chambery, na Saboia Francesa, o que quer dizer, desde o berço predestinada a entrar para a Congregação, que em Chambery tinha sua sede principal. Com dezoito anos apenas, cedendo a um impulso que lhe vinha do íntimo do ser e que, talvez, fosse o apelo da voz do sangue, pois provinha de gente de fé católica robusta, de hábitos recatados e severos de

~~Madre Ana Justina Martinet~~

(cont.)

- fls. 2 -

antigos vinhateiros, entrou Ana Justina para a Congregação próxima e ali recebeu o hábito, pondo-se, desde logo, ao serviço da missão, onde quer que a chamasse o seu dever de religiosa. E esse chamado cessava à primeira fase dos abalos profundos, causados pela guerra franco-alemã: em companhia de outras religiosas veio Ana Justina para o Brasil, exercendo, durante cerca de três anos, o magistério no Seminário das Educandas em S. Paulo. A sua predestinação não era, no entanto, ensinar meninas, mas socorrer doentes e dirigir os trabalhos de assistência a enfermos e miseráveis: naquela época irrompeu em S. Paulo uma epidemia de cólera e o mal indiano ceifou, em poucos dias, vidas preciosas, alarmou a população e desorganizou os serviços desta velha cidade provincial. Irmã Justina, com as suas zelosas companheiras, se aprestou para a assistência improvisada, tendo todas elas, ainda moças, prestado serviços relevantíssimos à nossa capital. Esse denodo, num gênero de serviços especiais, apontou-a logo à perspicácia de um sacerdote que, em Campinas, começava a impor-se à benquerença pública, pelas suas virtudes adamantinas e pelo seu incessante trabalho na assistência aos flagelados da febre amarela^(A), que irrompera na chamada "Princesa d'Oeste" inesperadamente, devastando a cidade e afugentando dali, em poucos meses, mais da metade da população. Esse sacerdote, que se chamava Joaquim José Vieira, natural de Itapetininga, e que era Vigário da Matriz da Conceição^(A), depois chamada Matriz Nova, era conhecido popularmente pelo apelido carinhoso de Vigarinho, e os trabalhos que, então, pobre, fraco e desajudado, deu de empreender, concederam pronta notoriedade ao seu nome e trouxeram imensos benefícios à sua obra. Foi ele quem se atirou, corajosamente, à fundação da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, e quem iniciou o trabalho penoso de esmolar entre as grandes e modestas fortunas do município, para levantar as primeiras paredes daquele abrigo de doentes sem teto.

Como, porém, a febre amarela já atirara á orfandade um

grande número de crianças, da cidade e das fazendas, cujos pais pereceram vitimados pelo então chamado "tifo icteróide", cuidou o vigarinho, sem detença, de instalar, ao lado do hospital, um asilo para essas criaturinhas desarvoradas na vida - e daí nasceu o Asilo de Orfãs, em construções improvisadas em que tudo era objeto de doação - desde a madeira dos andaimes, a pedra dos alicerces e a trolha dos pedreiros, até o vigamento da cobertura, caibros, ripas e telhas. E a irmã Ana Justina para ali foi, em companhia de duas outras irmãs da mesma Congregação de S. José, a irmã Ana Felicité, como superiora, e irmã Basília, como companheira de trabalhos.

Foram trabalhos duros, com recursos incertos, a princípio muito escassos, mas que, entretanto, dentro em pouco, ante o atestado de devotamento daquelas abnegadas missionárias, cresceram em número e habilitaram o Vigarinho a ir mais adiante, lançando as linhas largas do edifício que ainda hoje se conserva e que, ao tempo era apontado como dos melhores e mais vastos da Província de S. Paulo. E o número das irmãs foi crescendo com a Casa e com o Asilo. Ana Felicité, assaltada por grave molestia, abandonou a direção dos estabelecimentos e a irmã Ana Justina, desde logo - e foi isso em 1876 - assumiu esses encargos, no posto de Superiora. A Santa Casa foi inaugurada a 15 de agosto de 1871, mas o edifício maior construído poucos anos depois, ficando a Irmandade de criação recente, confiada a uma mesa administrativa da qual faziam parte - o Padre Joaquim José Vieira, Bento Quirino dos Santos, Dr. Luiz Silvério e A. Cruz, Francisco A. de Almeida Sales, Barão de Ataliba Nogueira, Dr. Antônio Carlos de Moraes Sales, José Egídio de Sousa Aranha, Padre Francisco de Abreu Sampaio, João Damí, Floriano de Camargo Campos, o Visconde S. Valentim (Dr. Valentim J. da Silveira Lopes), José Pinto Nunes, Antônio Benedito de Cerqueira Leite e Antônio Manuel Proença.

Anos após, em 1885, foi o Vigarinho nomeado Bispo da diocese do Ceará, e teve que abandonar a Santa Casa e o Asilo anexo, que então já ostentavam as linhas de grandes edifícios, dando abrigo, instrução e consolo a doentes dali e de todos os municípios vizinhos, assim como a meninas orfãs. Mas à testa da casa continuou a mesma superiora, Ana Justina: morreram mesários, mudou-se a composição da mesa administrativa, mas a superiora continuou no seu posto, por dez, vinte, trinta, quarenta anos, até que, em 1925, transmitiu a chefia a outra irmã, a irmã S. Luiz, para ali destacada desta Capital, e que assumiu a direção dos estabelecimentos, então já habilitados para maiores trabalhos pela colaboração de 17 irmãs. E Ana Justina foi servir em Itú, como assistente da Provincial, à veneranda Maria Teodora Voiron, que muito velhinha, e já consumida pelos rudes trabalhos da sua Província, ali faleceu naquele ano. Com essa morte a Irmã Ana Justina passou a ser a Superiora Provincial, no Brasil.

Que benfazejos destinos os destas duas mulheres abnegadas, francesas de nascimento, que viram a luz do dia em terras distantes e que tanto se integraram na vida do Brasil, dando-nos toda a sua energia, as luzes da inteligência e todas as fibras do coração, que durante meio século se distribuíam entre os deveres da regra religiosa e a assistência intemorata aos doentes de rua, que a Santa Casa recolhe sob o seu teto, para lhes dar o socorro médico, o alimento e o conforto, moral e espiritual! Mas, ao passo que Madre Maria Teodora foi, essencialmente, uma educadora, sob cujas vistas passaram mais de vinte gerações de senhoras paulistas, alunas do Colégio do Patrocínio, a sua sucessora, Ana Justina, foi principalmente enfermeira, e orientadora da formação moral de orfãzinhas da epidemia. Morreram ambas nonagenárias: uma em 1925, a outra em 1944.

Quando D. Joaquim José Vieira, já gasto pelos trabalhos da sua diocese do Ceará, na qual tivera que enfrentar as de vastações de três secas tremendas, que assolaram o Nordeste, e já sem energias para continuar sua incessante atividade, teve que a abandonar o posto de bispo, recebeu da Santa Sé o cargo honorífico de Arcebispo titular de Cirro, e recolheu-se a Campinas: a Santa Casa, que ele fundara e vinha crescendo, de ano para ano, disputou a honra de o acolher sob seu teto, e deu-lhe para moradia uma casnha fronteira ao Asilo, casa pequena e modesta, como ele exigia, com dois quartos e uma saleta - no quarto uma cama de ferro, duas cadeiraras e um criado-mudo, sem ornamentos mais que um crucifixo, com um tapete de fibra cearense fabricado pelos indígenas do Araguaia, e tendo como servidor um rapazola, também indígena, que o bispo recolhera numa das suas visitas paroquiais, quando foi ter às terras de tribus indígenas, que uma "entrada" civilizadora afugentara a pau e a tiro, só poupando uns poucos curumins, entre os quais aquele rapazote, então menino.

A irmã Ana Justina desdobrou-se, então, em trabalhos, para fazer menos monotono aquele fim de vida do Vigarinho, que ela sabia ser um homem essencialmente trabalhador e ativo, e preocupado com poupar aos outros tantos inmodos e despesas...

Nesse seu benemérito apostolado, agiu ela, perante D. Vieira, como essas irmãs devotadas, que procuram assistir enfermos e valetudinários, sem lhes dar a sensação da vigilância ativa e do zelo pela sua guarda. D. Vieira sentia isso, e várias vezes, nas conversas que ali tinha, de tarde, na saleta, com os mais assíduos frequentadores da sua humilima vivenda - o Bispo D. Néri, Leopoldo Amaral, Antônio Lobo, Manuel de Moraes, Dr. Tomás Alves, Júlio de Mesquita, Joaquim Vilac, Dr. João de Assis Lopes Martins, Antônio A. da Costa Carvalho, Luís J. Pereira de Quirós e Monse-

nhores Ribas d'Avila e A. Pereira Reimão - referia o desvelo vigilante da Superiora da Casa, o seu tato no abordar as conversas travadas, a sua finura e o tom superior, verdadeiramente sugestivo de todas as suas observações.

Este era, aliás, um dos traços incisivos da inteligência e do feitio moral daquela senhora: durante toda a sua longa e profícua atividade em Campinas, no posto de Superiora, lidando com tanta gente, e constituindo-se ela própria, sem o procurar, talvez sem dar por isso, o centro de irradiações e bons conselhos, verdadeira arca de queixas, de lamúrias, de angústias incontáveis, - ninguém lhe arrancou uma referência deprimente ou simplesmente descaridosa a qualquer pessoa, nenhuma observação a fato ou sucesso público, que atestasse azedume de sentimentos ou rigor de apreciação. Madre Ana Justina abria os ouvidos a todo esse vozear confuso e atribulado, aconselhava, estimulava, muitas vezes ralhava, mas sabia fazê-lo com tal perspicácia e tal finura, que não abria brechas para murmurações que pudessem molestar os que ela assistia. Conduzindo a Casa, com um hospital, que fora dirigido por médicos católicos, médicos sem crença ou de crença insegura e difusa e médicos protestantes - ela com todos se entendia e de todos recebia o mesmo acatamento e a mesma veneração. Por isso a sua figura se projetou sobre todos, com a mesma doce autoridade do Bispo D. Vieira; e, anos afora, serão esses dois vultos recordados como anjos tutelares das orfãzinhas e dos doentes de suas enfermarias.

o o o o o o o

Em 1905, num 15 de agosto, aniversário da instituição, foi colocado o retrato dessa irmã no salão de honra, entre os beneméritos da Casa. O difícil foi conseguir dela um retrato: mas

~~Madre Ana Justina Martinet~~

(cont.)

- fls 7 -

este foi, afinal, feito, e é o que ainda ha pouco correu impresso em clichê, no "Estado", quando se noticiou o seu passamento.

Madre Ana Justina teve um fim de vida calmo, porque a sua fibra moral manteve a mesma inteireza até as ultimas horas. Não podia entibiar-se com a chegada do momento extremo, quem passou a vida numa atividade tão fiel à regra da congregação a que se submetera por uma poderosa vocação. E dela se pode dizer, com justiça, o que da Madre Maria Teodora e aproveitando expressões de Bossuet, disse o Padre jesuita José Maria Natuzzi, na sensacional oração fúnebre aqui proferida na Basílica de S. Bento, discurso que, pela profusão do seu ensinamento e riqueza de imagens, faz pensar, em varios pontos, naqueles turbilhões de eloquência sacra que eram os sermões do Padre Antonio Vieira: "Madre Ana Justina foi meiga para com a morte, ela que por vezes, foi tão severa com a vida".

Foi uma grande e benemerita figura, cuja vida toda se desenrolou em trabalhos dedicações angústias, zelo incansável pela nossa terra e pela nossa gente. Estas linhas trazem, no apressado com que as escrevo, uma oferenda carinhosa, que são umas poucas de flores depostas à beira do seu jazigo.

São Paulo
São Paulo, 7-V-1944